TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE JORNALISTAS QUE ESTÃO FORA DO JORNALISMO (2012-2017)

Lucas Santos Carmo Cabral (PIBIC/UEPG), Felipe Simão Pontes (Orientador), e-mail: Felipe271184@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Ciências sociais aplicadas, Comunicação.

Palavras-chave: Trajetórias Profissionais, Jornalistas brasileiros, Desprofissionalização.

Resumo

Com base em duas pesquisas de online survey realizadas em 2012 e 2017, realizamos um estudo quantitativo sobre as trajetórias de jornalistas que desistiram da profissão. O estudo está circunscrito a um período de crises da profissão do jornalismo e do Brasil que afetou e afeta, direta e indiretamente os jornalistas. Ao se observar as respostas de 1233 jornalistas, identifica-se que 22% estavam fora da categoria em 2012. Esse número subiu para 38% em 2017. Esse projeto visa identificar possíveis motivos que levam os jornalistas a saírem ou serem expulsos da profissão, considerando para isso dados sociodemográficos e sobre o trabalho nos dois períodos estudados.

Introdução

A pesquisa busca estudar os efeitos das intensas transformações pelas quais passa o jornalismo contemporâneo sobre as trajetórias profissionais. Os jornalistas trabalham em um ambiente de flexibilidade e precarização, resultado de transformações econômicas, tecnológicas e políticas que estruturam o campo contemporâneo dos mídia. Em 2012, o Brasil contava com cerca de 145 mil jornalistas, dos quais 60 mil trabalhavam em redações. Os demais ocupavam funções jornalísticas fora das redações, em empresas, governos, organizações sociais ou no ensino, estavam desempregados ou trabalhavam em atividades externas à profissão (MICK; LIMA, 2013).

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, 2012, obteve 4215 respostas em um grande survey online (MICK; LIMA, 2013). Cinco anos depois, essas pessoas foram convidadas para responder a um novo questionário, sobre suas trajetórias profissionais. A enquete obteve a participação de 1.233 jornalistas. O instrumento permite observar reconfigurações de carreira impostas pelo cenário de crise, levando em conta as variações sociodemográficas (de gênero, faixa etária, identidade étnica, escolaridade ou local de residência), de atuação profissional e de posicionamento político-ideológico.

Parte-se do conceito de carreira profissional elaborado pelos interacionistas da Escola de Chicago (BECKER, 1982, 2009; HUGHES, 1984, 2005; STRAUSS, 1999) e recentemente ressignificado pela sociologia francesa (DARMON, 2008; BASTIN, 2012, 2016; BASTIN, MACHUT, 2016) e brasileira (PEREIRA, 2011, 2013, 2015). Como afirma Pereira (2011), “a partir da análise de experiências individuais é possível compreender como atores sociais negociam estatutos, normas e definem as formas de colaboração possíveis em um mundo social”.

A precarização e o processo de saída ou expulsão de jornalistas durante a carreira foram investigados por Mick, 2013. Porém, os dados de trajetórias dos jornalistas brasileiros permitem compreender melhor como e porque essas saídas ocorrem, se existe faixa etária ou condição na carreira específicas para a saída de jornalistas, sobre qual o impacto das crises para esse processo de exclusão que atinge 01 em cada 03 jornalistas entrevistados e foi explorado neste texto. Esse último movimento de pesquisa foi realizado por Mick e Estayno (2018), no mesmo período em que realizávamos este estudo. Ainda assim, compreendemos que os resultados apresentados aqui contribuem com análises não exploradas no artigo.

Material e Métodos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fizemos a revisão da literatura ligada à sociologia das profissões e do trabalho, principalmente os estudos sobre profissionais jornalistas e processos de desprofissionalização. A análise foi feita através dos dados da pesquisa "Perfil do Jornalista Brasileiro" (MICK; LIMA, 2013) em comparação com os dados da pesquisa "Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros – 2012-2017".

Tomamos como base temporal os dados sociodemográficos obtidos pela pesquisa "Perfil do Jornalista Brasileiro", um *websurvey* aplicado de setembro a novembro de 2012 e que obteve 4.215 respostas válidas, com respondentes de todos os estados e de fora do país, e que consolidou resultados proporcionais a toda categoria com amostra de 2.791 jornalistas (MICK; LIMA, 2013). A pesquisa de campo foi concluída seis meses antes das manifestações de junho de 2013; foi, assim, a última grande investigação sociodemográfica sobre jornalistas antes da crise brasileira. Cinco anos depois, no segundo semestre de 2017, foi realizado um novo *websurvey*, com perguntas aos 4.215 respondentes de 2012. O campo ocorreu de 16 de novembro a 14 de dezembro e obteve 1.233 respostas válidas. Baseado em estudo similar realizado por Bean, Weaver e Browlee (2009), o objetivo deste *survey* foi o de verificar as trajetórias de jornalistas no período de crise.

A pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros utilizou apenas o e-mail como instrumento de coleta, tendo o *software* de pesquisa *online Survey Monkey* como gerenciador. Como todos os respondentes da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 registraram e-mail válido de contato, cada questionário foi validado pelo e-mail de contato pelo qual os respondentes receberam o link para a pesquisa.

Com base nesses dados, este projeto realizou a análise das caracteríticas sociodemográficas e de trabalho dos jornalistas que saíram da mídia no período analisado ou que se mantiveram fora entre 2012 e 2017. São 463 respondentes que não estavam no jornalismo em 2017. Para a análise utilizamos o *software* SPSS versão 23 e o GNU PSPP, *software* livre, com vistas a analisar conjuntamente e linha a linha as respostas de cada respondente participante da pesquisa.

Resultados e Discussão

Dos 463 jornalistas que estavam fora da mídia em 2017, 39,74% já estavam nessa situação em 2012. Ou seja, 60,26% dos dados aqui analisados são de jornalistas que, por algum motivo, saíram da profissão neste período.

A maior parte dos profissionais que estão fora do jornalismo têm entre 31 e 40 anos de idade, com 38,88% do total, enquanto 36,50% têm entre 23 e 30 anos de idade. Nos dados gerais, o número é parecido, mas a porcentagem de jornalistas que têm entre 23 e 30 anos diminui aproximadamente 6% nos dados gerais. Ou seja, a

proporção de jornalistas entre 23 e 30 anos que estão fora do jornalismo é maior do que a dos que estão dentro.

Proporcionalmente, a faixa etária que mais agrega jornalistas fora do profissão é a de acima de 64 anos, que também é a faixa que possibilita a aposentadoria, com 53,9% dos jornalistas fora da profissão. A única faixa etária que chega perto dessa proporção, é a de jornalistas com entre 23 e 30 anos. 45,43% dessa faixa etária está fora da profissão. A proporção nas demais faixas etárias não passa dos 35%. A exclusão de jornalistas é maior entre os mais jovens, o que revela a dificuldade de inserção e manutenção do emprego na faixa etária de 23 a 30 anos.

Quando olhamos para o sexo, as mulheres são maioria tanto nos dados gerais, quanto nos dados dos jornalistas que saíram da profissão. Porém, quando nos aprofundamos nos dados, percebe-se que as mulheres saem mais da profissão quando comparadas com os homens. Cerca de 40% das mulheres estavam fora do jornalismo em 2017. Dentre os homens, 34% estavam fora da mídia.

Quanto à região, o Sudeste, que mais abriga jornalistas da pesquisa, é também a região onde, proporcionalmente, eles mais estão fora da profissão. Isso pode ser causado pela grande quantidade de profissionais que busca uma carreira nos grandes centros, como São Paulo ou Rio de Janeiro. O Sudeste é a única região em que o número de jornalistas que está fora da profissão ultrapassa os 40% e chega em 41,2%.

Sobre a quantidade de fontes de rendas entre os profissionais que estão fora do jornalismo diminuiu em 10% a quantidade de respondentes que possuiam somente um emprego. Aumentou em aproximadamente 10% aqueles que estão desempregados e em 5% os que atuam como free-lancer. Quando esses dados são comparados com os gerais, percebe-se uma diferença maior. Nos dados gerais, entre 2012 e 2017, os free-lancers aumentaram apenas 2%. Esse dado nos mostra que a tendência para os jornalistas que saem da mídia, mas que mantém algum tipo de vinculo e/ou identidade com o jornalismo, é o desemprego ou o trabalho como free-lancer.

Dos jornalistas que estão fora da profissão, a maior parte, 50,1%, já trabalhou como jornalista e estava empregado em outra profissão em 2017. O segundo maior número é o de jornalistas desempregados, chegando a 20,9% dos 463 que estão fora do campo. 15,12% dos respondentes saíram da mídia e voltaram a estudar em 2017. Significa afirmar que os jornalistas tendem a buscar ou ser recrutados para outra atividade, não jornalística.

Dos respondentes que saíram do jornalismo, 29,59% estiveram na profissão por entre 2 a 5 anos. Nos dados gerais, esse mesmo período representa 18,98%. Este dado dá indícios de que os jornalistas que estão no início da carreira têm mais chances de sair do campo. Entre os jornalistas que trabalharam até 1 ano na área, 90% estavam fora da profissão em 2017. O dado também pode revelar uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Em todas as questões realizadas sobre a crise, a porcentagem de respondentes que diz não ter sido afetada por ela é sempre maior nos dados gerais do que entre os jornalistas fora da profissão. Da mesma forma, a taxa de respostas que revelam que ela “afetou muito”, são sempre maiores entre os profissionais fora do campo.

Conclusão/ões

A análise dos dados permite uma compreensão das características sociodemográficas e de trabalho dos indivíduos que desistem ou são forçados a desistir do jornalismo e também permite um entendimento da dinâmica da profissão.

Algumas das hipóteses levantadas foram confirmadas com os dados, como a exclusão de jornalistas mais velhos, por exemplo. Por outro lado, os dados revelam

que a outra ponta, os mais jovens e recém-formados, tem muitas dificuldades para inserção e manutenção nas atividades jornalísticas. Outras, não nos levaram aos resultados esperados. A questão da falta de perspectiva de progressão na carreira e conquente exclusão de profissionais que necessitam de um salário maior por conta do casamento e constituição de família não pôde ser provada.

Da mesma maneira, encontramos dados que revelam possível dificuldade de inserção no mercado de trabalho e uma maior exclusão das mulheres do campo. Outro fator que reforça nossos embasamentos é o papel que a crise econômica e midiática teve sobre o jornalismo no período. Trata-se de dados que enriquecem a discussão sobre as carreiras dos jornalistas e o conhecimento maior sobre as trajetórias dos indivíduos na consolidação de suas identidades profissionais.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Ponta Grossa pela cessão de bolsa por 6 meses desta iniciação científica. Agradeço também a meu orientador, Felipe Simão Pontes.

Referências

BECKER, H. **Art worlds**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982.

DARMON, M. La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation. **Politix**, vol. 21, nº 82, p. 149-167, 2008.

HUGHES, E. **The Sociological Eye**: selected papers. Nova York: Routledge, 1984.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MICK, J.; ESTAYNO, S. **Jornalistas na crise:** as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017). In: Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2018, p. 1-18.

PEREIRA, F. H. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2011, Recife. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, 2011. p. 15p..

PEREIRA, F. H. Três estatutos, uma identidade. Comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013, Brasília. **Anais...**. Brasília: SBPJor, 2013. p. 19p..

PEREIRA, F. H. Os estágios e a construção da carreira jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2015. v. 13. p. 16 p..

STRAUSS, A. L. **Espelhos e Máscaras**: uma introdução ao interacionismo. São Paulo: Edusp, 2009.